

Etnografia e ficção em perspectiva

Elaine Rodrigues Perdigão*

Valter Sinder**

Resumo

A junção de dados históricos-etnográficos com elementos da ficção constitui possibilidades outras de escrever um texto. Neste ensaio, a partir da leitura dos romances histórico-etnográficos - *Nove noites* de Bernardo Carvalho, e *Os papéis do inglês* de Ruy Duarte de Carvalho, dedicamos especial atenção à perspectiva do escritor que, como o interessado etnógrafo, está a desvendar entre o corriqueiro e o cotidiano alguma explicação mais profunda sobre a humanidade. No centro do processo de ver o mundo e escrever alguma coisa sobre ele, está o sujeito que fala, sujeito que escreve, pois, a partir de sua experiência, muito íntima, podemos identificar alguma aderência à coletividade. Os sujeitos que falam estão a discursar sobre as contradições de si, as situações a que estão submetidos. Eles estão a falar por si. Questionamos: O que suas escritas nos fazem ouvir?

Palavras-chave

Etnografia. Ficção. Verdade.

Abstract

The combination of historical-ethnographic data and fictional elements constitutes new possibilities on writing a text. In this essay, stemming from readings of historical-ethnographic novels - *Nove noites* by Bernardo Carvalho, and *Os Papéis do inglês* by Ruy Duarte de Carvalho - a special attention is given to the writer's perspective, as the concerned ethnographer who is on path to discovering, among the mundane, a deeper explanation of humanity. In the core of the process, observing the world and writing about it at the same time, is the subject who speaks and writes from a personal and very intimate experience, allowing us to identify

* Elaine Rodrigues Perdigão é Doutora em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e especialista em Educação à Distância no Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac) do Rio de Janeiro (RJ). E-mail: elaineperdigaoaster@gmail.com.

** Valter Sinder é Professor Associado e pesquisador do Departamento de Antropologia do Instituto de Ciências Sociais (ICS) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e do Departamento de Ciências Sociais da PUC-Rio. E-mail: vsinder@hotmail.com.

some adherence to the collective. The subjects who speak are addressing contradictions of themselves and the situations they are exposed to. They are speaking for themselves. The question is: what can we hear from their writings?

Keywords

Ethnography. Fiction. Truth.

Introdução

Cada um lê os poemas como pode e neles entende o que quer, aplica o sentido dos versos à sua própria experiência acumulada até o momento em que os lê.”

Bernardo Carvalho

“O que há de ser preciso para escrever, em primeiro lugar, senão achar que vale a pena porque tem destinatário?”

Ruy Duarte de Carvalho

São variadas as formas de se observar o universo social, seja através da observação participante, do registro histórico, da investigação jornalística, ou da poesia e da música, e essa captura do real, como nos indicou Hal Foster (2014), não distingue substancialmente o etnógrafo do artista.

Entender a cultura como um texto, na medida exata de sua interpretação, supõe que a tarefa do etnógrafo seja tanto *textualista* como *esteticista* (FOSTER, 2014), operada por meio de “paradigmas discursivos de diálogo e polifonia” (CLIFFORD apud FOSTER, 2014), na qual vão se agregar distintas formas de representação e apropriação simbólica ressignificadas pela Arte, pela Literatura, pela História, pela Etnografia.

Os romances *Nove noites* de Bernardo Carvalho (2002, 2006) e *Os papéis do inglês* de Ruy Duarte de Carvalho (2001, 2007) são narrativas que jogam com a realidade e a ficção. Seus autores manipulam os fatos reais misturando-os às suas próprias lembranças, depositando, ainda, suas subjetividades e memórias, alternando momentos dignos de um realismo jornalístico com passagens literárias envolventes.

A junção de dados históricos/etnográficos com elementos da ficção constitui possibilidades outras de escrever um texto. Os romances põem em evidência a linha tênue entre verdade e falsidade, tornando mais

significativa a subjetividade do autor como elemento fundante do texto, pois, a partir dela, são refeitas memórias, reestabelecidas associações, são reconectadas pessoas a lugares, etapas de um processo autoral fortemente ancorado na experiência do sujeito que escreve.

Neste ensaio, ao caminhar pela vizinhança literária, dedicamos atenção à perspectiva do escritor que, como o interessado etnógrafo, está a desvendar entre o corriqueiro e o cotidiano alguma explicação mais profunda sobre a humanidade. Aonde queremos chegar ao aproximar o escritor de um romance ao etnógrafo? A leitura da vida, do mundo e das pessoas exige cuidado, olhar atento, exige a sensibilidade de transpor para a escrita alguma coisa que desperte o leitor. Se no romance o autor manipula a verdade com despretensão, o etnógrafo lida com a ficcionalidade oferecida em seu relato como um percalço. No centro do processo de ver o mundo e escrever alguma coisa sobre ele, está o sujeito que fala, sujeito que escreve, pois, a partir de sua experiência, muito íntima, podemos identificar alguma aderência à coletividade. Os dois autores, Bernardo Carvalho e Ruy Duarte de Carvalho – homens do Terceiro Mundo –, estão a expor a fragilidade de sua condição de sujeitos que falam de uma periferia. Esse novo sujeito não é aquele branco ocidental discursando sobre o exótico a partir de relatos maravilhosos. Os sujeitos que falam estão discursando sobre as contradições de si, as situações a que estão submetidos. Eles estão a falar por si. O que suas escritas nos fazem ouvir?

Nove noites, por Bernardo Carvalho

A morte misteriosa de um jovem antropólogo é a cena primeira do texto. É relatada por um narrador ainda desconhecido, como uma carta endereçada a alguém. Reconhecemos nomes. Nomes de antropólogos. Cerca de dez páginas nos fazem crer na leitura de um texto que, apesar da verossimilhança, estaria construindo personagens não reais. Mas o jovem suicida existiu. Não estava mais claro na narrativa o que era fato ou ficção. Estava tudo entrelaçado no texto, incluindo a biografia do próprio autor. Essa indistinção entre verdadeiro e falso compõe todo o suspense do romance. Seria uma estratégia do próprio autor?

“A verdade está perdida entre todas as contradições e os disparates. ‘Quando vier à procura do que o passado enterrou, é preciso saber que estará às portas de uma terra em que a memória

não pode ser exumada, pois o segredo, sendo o único bem que se leva para o túmulo, é também a única herança que se deixa aos que ficam, como você e eu, à espera de um sentido, nem que seja pela suposição do mistério, para acabar morrendo de curiosidade. Virá escorado em fatos que até então terão lhe parecido incontestáveis. Que o antropólogo americano Buell Quain, meu amigo, morreu no dia 2 de agosto de 1939, aos vinte e sete anos. (...) As histórias dependem antes de tudo da confiança de quem as ouve, e da capacidade de interpretá-las. (...) Assim são os homens. Ou você acha que quando nos olhamos não reconhecemos no próximo o que em nós mesmos tentamos esconder?''.

(CARVALHO, 2006, p. 6-8)

Ainda surpreendidos com as circunstâncias sinistras da morte de Buell Quain, vamos sendo guiados pelas linhas de Bernardo Carvalho em direção a uma viagem ao passado. Cartas, fotografias e depoimentos intentam reconstruir os últimos meses de vida do antropólogo antes de sucumbir à morte na presença de dois índios no Alto Xingu. A fotografia de Buell estampada na página do livro desperta ainda mais curiosidade. Trata-se de duas fotos, provavelmente tiradas antes de sua prematura morte. Revelam um jovem bonito de olhos e cabelos castanhos. O autor – Bernardo Carvalho (Rio de Janeiro, 1960) – reúne, assim, fragmentos do real, que conferem uma outra dimensão ficcional à narrativa *Nove Noites*. Ele incorpora trechos de uma descrição etnográfica a um relato romanceado. O suicídio parece instigar o autor na busca de uma verdade sobre os acontecimentos. Toda a estranheza causada pelas circunstâncias da morte desperta uma investigação: entrevista com antropólogos que conheceram Buell, acesso aos arquivos de Heloísa Alberto Torres, diretora do Museu Nacional, responsável por receber e orientar o grupo de antropólogos brasileiros, todo um arsenal de informações para descobrir quem foi Buell Quain e o que o levou ao suicídio.

“Ninguém nunca me perguntou, e por isso também não precisei responder. Todo mundo quer saber o que sabem os suicidas. No início, deixei-me levar pela suposição fácil de que aquela só podia ser uma morte passional e concentrei a minha busca nesses vestígios. Devia haver outra pessoa envolvida. Ninguém pode estar totalmente só no mundo. Tinha que haver uma carta em que ele revelasse os seus desejos e sentimentos. Na manhã de 8 de março de 1939, enquanto esperava as mulas e os mantimentos para a caminhada de seis dias até a aldeia de Cabeceira Grossa,

Quain aproveitou para pôr em dia a correspondência, sentado à máquina de escrever. Pretendia isolar-se na aldeia por um período inicial de três meses. Não podia contar com a eventual ida de um mensageiro ou portador nesse meio-tempo. Não pensava em voltar a Carolina antes de junho. Li três dessas cartas. A mais longa era endereçada a Ruth Landes, sua colega de Columbia que estava no Brasil estudando o candomblé". (CARVALHO, 2006, p. 23)

Temos aqui dois planos de narrativas: a primeira é a de Manoel Pena, personagem criado pelo autor por inspiração em uma das pessoas que tinham convivido com Buell Quain em sua trajetória no Brasil. A segunda é a do próprio escritor fundamentada em suas investigações – atestando, assim, a autoridade da sua fala – e em sua biografia pessoal (durante a infância, o autor costumava frequentar a fazenda do pai na região amazônica onde tivera contato com os índios). Percorrendo as páginas do livro, somos informados por ambos os narradores: enquanto Manuel Pena registra uma fala no passado, mas endereçada ao futuro – na qual registra um conhecimento, uma sabedoria local – Bernardo Carvalho entra com a descrição dos fatos e registro dos acontecimentos; ele parte do presente para remontar o passado. Esses dois planos comportariam ficção e realidade na narrativa?

O livro de Bernardo Carvalho confirmaria que a tensão entre ficção e realidade se dissolveria na medida em que constituem duas possibilidades de narrar um acontecimento. O modo como os dois planos de narrativa estão dispostos confere uma outra dimensão e abordagem do real que não abandona o rastro da ficcionalidade. O autor parte da história para alcançar outras possibilidades de real, neste caso, não deixa de ser uma estratégia comunicativa.

"Se faço as contas, vejo que foram apenas nove noites. Mas foram como a vida toda. A primeira, na véspera de sua partida para a aldeia. Depois, mais sete durante a passagem por Carolina em maio e junho, quando vinha à minha casa em busca de abrigo, e a última quando acompanhei pelo primeiro trecho de sua volta à aldeia, quando pernoitamos no mato, debaixo do céu de estrelas. A última noite foi por minha conta e da minha imaginação ao longo de nove noites. (...) É preciso entender que cada um verá coisas que ninguém mais poderá ver. E que nelas residem as suas razões. Cada um verá as suas miragens. (...) bebeu comigo e me contou que procurava entre os índios as leis que mostrariam ao mesmo tempo o quanto as nossas são descabidas e um mundo no

qual por fim ele coubesse? Um mundo que o abrigasse?”.
(CARVALHO, 2006, p. 41-42)

“Buell Quain também havia acompanhado o pai em viagens de negócios. Quando tinha catorze anos, foram a uma convenção do Rotary Club na Europa. Visitaram a Holanda, a Alemanha e os países escandinavos. E daí em diante nunca mais parou de viajar. Mas se para Quain, que saía do Meio-Oeste para a civilização, o exótico foi logo associado a uma espécie de paraíso, à diferença e à possibilidade de escapar ao seu próprio meio e os limites que lhe haviam sido impostos por nascimento, para mim as viagens com o meu pai proporcionam antes de mais nada uma visão e uma consciência do exótico como parte do inferno”.
(CARVALHO, 2006, p. 57).

As coincidências se estabelecem entre o personagem da obra (Buell Quain) e o autor, Bernardo de Carvalho. A proximidade com o exótico, as sensações e experiências advindas do contato com o diferente parecem unir ambos de forma íntima. O narrador Bernardo está dedicado a remontar o passado, a reconstruir pequenos fragmentos de memórias para dar um desfecho à vida de Buell de forma mais digna daquela que resultou no seu suicídio. Nesse processo, não deixa de ser curioso o fato de que a estranheza com os índios, e até certa repulsa, seja experimentada tanto por Bernardo quanto por Buell (comprovada numa carta endereçada à sua colega Ruth Landes). Está expressa de forma sutil a atitude etnocêntrica como que a deixar subtendido uma mensagem. E qual seria? – Buell, para se descobrir, precisava descobrir um outro.

Bernardo estava em busca de Buell, mas não deixou de encontrar nele um pouco de si. Culturas tão distintas, mas unidas pela experiência com os índios, tal qual um roteiro etnográfico que registra as vivências e os contatos. O próprio processo de construção da identidade do narrador se dá a partir da sua visão do outro. Quando Bernardo decide percorrer o caminho que Buell fizera antes para descobrir a razão do suicídio, ele se depara com as mesmas frustrações e dilemas no contato com os índios. E à medida que as histórias de Buell e Bernardo se cruzam, a questão da identidade vai se tornando mais visível, porém não menos complexa. É a partir da convivência com os índios, do choque cultural estabelecido, das reticências e silêncios, das estranhezas e repulsas, que podemos identificar as semelhanças entre os narradores-etnógrafos, sobretudo, a partir dessa condição de etnógrafo.

As aventuras de uma etnografia malsucedida, os dissabores do convívio com os índios, o temor com os rituais de iniciação, são todos esses documentos de um repertório antropológico. Tornando ainda mais séria sua postura de etnógrafo, o narrador Bernardo contempla questões sobre o parentesco, sobre paternidade, utiliza referências da área, como o antropólogo Claude Lévi-Strauss, observa o comportamento dos índios, toda uma inclinação etnográfica a autenticar o que está sendo relatado. A atitude de Bernardo não seria uma tentativa de reviver a jornada etnográfica de Buell? A leitura de *Nove noites* nos convida a buscar a identidade do antropólogo, encontramos-la em Bernardo e Buell, e, nessa busca, todo o mistério, encontros e desencontros, passado e presente costuram o suspense da trama. Em *Nove noites*, o romance etnográfico se apresenta como um modo de ler e interpretar costumes de culturas distantes, as personagens não deixam de ser representativas de estilos de vida distintos, elas se desprendem de figuras imaginárias para serem, de certo modo, agentes da história. O romance propicia esse diálogo tenso e tênue entre o “eu” e um “outro”, em que as diferenças e semelhanças contornam os caminhos trilhados pela narrativa. Não há um desfecho para o romance. A morte de Buell permanece em suspenso, e o mito do suicídio não fora desvendado.

O encontro com o suposto filho de Buell confere à trama uma saída menos traumática e mais ficcional. Seria uma alternativa de leitura para um final sem conclusões? Ficção e não ficção compunham o repertório da narrativa até o seu final, revelando que tal oposição binária se desfaz no entrelaçamento do enredo. Há um momento na narrativa em que o narrador Manuel Pena nos oferece uma resposta – ainda que precária – para compreender por que Buell se matou de forma tão violenta, sendo capaz de cortar o próprio corpo diante de dois índios. Na resposta se revela a inquietude do ser, há algo de assustador quando se busca uma verdade sobre si, as surpresas que esse descobrimento traz seriam dolorosas demais para Buell.

“(…) Perguntei aonde queria chegar e ele me disse que estava em busca de um ponto de vista. Eu lhe perguntei: “Para olhar o quê?”. Ele responde: “Um ponto de vista em que eu não esteja no campo de visão”. (...) Porque ele nunca estaria no seu próprio campo de visão, onde quer que estivesse, ninguém nunca está no seu próprio campo de visão, desde que evite os espelhos. (...) De certo modo, ele se matou para sumir do seu campo de visão, para deixar de se ver”.

(CARVALHO, 2006, p. 100).

Os papéis do inglês, por Ruy Duarte de Carvalho

Na narrativa de Bernardo Carvalho, a etnografia se insinua como um processo de elaboração autoral e subjetivo, por pleitear a contingência de se estar num lugar e de ser afetado por ele e todas as mediações que envolvem a experiência de campo (como a relação com as coisas e os outros nem sempre amistosas) e, sobretudo, as consequências das relações pessoais que incidem sobre o etnógrafo. Nesta apreensão fugidia e precária da realidade do campo, é compreensível que o etnógrafo venha se valer de recursos ficcionais para oferecer imagens e sentidos ao leitor e, com isso, a compreensão sobre o outro. A ficção, portanto, torna-se um duplo da etnografia, outra vertente, outro modo de dizer sobre o outro, não menos pessoal, não menos verídico. *Nove noites* é um romance que possui aguda sensibilidade etnográfica do autor Bernardo Carvalho quando justapõe camadas da realidade e da ficção de forma que descobrir o que é essencialmente um ou outro perde o sentido. Sobre essa proximidade da etnografia com a ficção outro romance se conecta ao romance de Bernardo Carvalho: trata-se de *Os papéis do inglês*, de Ruy Duarte de Carvalho¹.

Entre ambos os romances, há uma série de contiguidades, continuidades, desdobramentos, que aproximam seus autores de maneira peculiar. A publicação de *Nove noites*, em 2002, acontece pouco tempo depois do lançamento de *Os papéis do inglês* (2000), cuja resenha foi publicada por Bernardo Carvalho no jornal *Folha de São Paulo*². O escritor brasileiro define

¹ Poeta, cineasta e antropólogo, o angolano Ruy Duarte de Carvalho (1941-2010) dedicou-se a escrever romances tecendo linhas íntimas entre a Antropologia e a Literatura. Participou da luta pela libertação da Angola, lugar que marca sua narrativa de forma especial. A África é o sentido e o despertar de toda a produção do angolano. É também seu ponto de partida. No romance *Desmedida* (2010), Carvalho recupera os laços entre África e Brasil, percorrendo a trilha da historiografia e da literatura de João Guimarães Rosa e Euclides da Cunha. Em relato autobiográfico, confessa: “Pelo menos duas consequências maiores para o meu percurso biográfico terão resultado desta configuração das coisas: a primeira é que o lugar onde vim ao mundo sempre constituiu para mim, desde que me lembro a ruminar nas coisas, uma referência de exílio; a segunda é que tudo quanto pela vida fora se me foi revelando e determinando lugar no mundo, sempre acabou por ocorrer de maneira imediata, vivida, empírica, in vivo, a exigir, às vezes, e sem ser pela mão fosse do que ou de quem quer que fosse, opções e ações de vida ou de morte no pleno desenrolar dos acontecimentos” (Retirado de Cotovia). Disponível em: <<http://www.buala.org/pt/ruy-duarte-de-carvalho/uma-especie-de-habilidade-autobiografica>>. Acessado em Outubro de 2015.

² Ver: CARVALHO, Bernardo. (2001). A ficção hesitante (Resenha de *Os papéis do inglês*, de Ruy Duarte de Carvalho). In: *Folha de São Paulo*, 6 de janeiro, 2001. Acessado em Outubro de 2015.

a obra do antropólogo angolano como uma “narrativa autorreflexiva das mais peculiares e originais”, fazendo do “cruzamento entre antropologia e literatura um gênero próprio”. E prossegue sobre a abordagem do autor em aproximar etnografia e ficção: “É, portanto, pela ficção que o autor antropólogo procura um caminho e uma resposta criando sua própria versão para narrá-la à ‘destinatária’”. Uma ficção hesitante que, informada pela Antropologia, preza o princípio de que *mais que o achado vale sempre a busca*”.

Em *Os papéis do inglês*, o suicídio de um outro antropólogo abre a narrativa com o suspense e mistério que ronda o acontecido. *Os papéis do inglês* estão a revelar alguma coisa sobre os acontecimentos do ano de 1923.

“A narração daquela história que prometi contar-te, a do suicídio de um Inglês no interior mais fundo da Angola e nesta África concreta de que tu, e todo o mundo, tão pouco realizam no exacto fim deste século XX fora de um imaginário nutrido e viciado por testemunhos e especulações que afinal se ocupam mais do passado europeu que do africano”.
(CARVALHO, 2007, p. 12)

A escrita é feita para uma “destinatária que se insinua e instala no texto” e revela distintos planos da narrativa numa espécie de textos dentro de textos em que se conjugam a crônica de Henrique Galvão (cronista português do período colonial), fonte historiográfica, e, de outro, um narrador antropólogo, alter ego de Ruy Duarte de Carvalho, que se dispõe a contar a história a partir de uma viagem pelo interior da Angola em busca dos papéis que foram abandonados. A descoberta desses documentos poderia revelar o que aconteceu com o inglês: desiludido da profissão de antropólogo, Archibald Perkins parte em viagem para a África como caçador, mas um episódio irrompe numa reação violenta e mortal do inglês, que mata um caçador grego às margens do rio Kwando, na fronteira com a atual Zâmbia, e depois dispara tiros contra todos do acampamento e, por fim, a si mesmo.

Archibald Perkins e Buell Quain são dois antropólogos que se suicidam em condições misteriosas. Quais as razões dos suicídios? Esta é a pergunta-chave que mobiliza a escrita e a viagem de seus narradores em busca de pistas, relatos, fragmentos para desvendar o que se passou e, nessa busca, os narradores vão se confrontar com circunstâncias inesperadas, biografias e outros personagens que temperam a trama com doses investigativas

a surpreender o leitor. Nesta jornada de viagens e descobertas, vão se desenhando lugares, pessoas e culturas como que a oferecer um retrato *bricolado* de informações, histórias e representações muito além do registro factual para compor, também, um registro ficcional da realidade. Ao descobrirmos um pouco sobre Perkins e Quain, inevitavelmente, descobrimos sobre seus criadores, os alter egos de Ruy Duarte e Bernardo Carvalho, respectivamente, as duas primeiras personagens são a razão de autodescoberta dos segundos.

E por meio desse enigma antropológico, em que a aventura etnográfica constitui o enredo principal, coincidem histórias de convivências e conflitos, experiências e encontro. A disciplina entra em perspectiva em *Os papéis do inglês* não apenas pela marca da prática de campo, com relatos e transcrições de informantes, como também é marcada pela citação aos grandes nomes da disciplina, como os dos antropólogos James Frazer e Radcliffe-Brown. O último merece na trama o seguinte destaque: “espécie de super-homem, e esforça-se, a um ponto que é difícil imaginar, por viver estritamente segundo um plano que a sua razão e a sua vontade trançaram. Acha que em tudo é preciso introduzir estilo e aspira à permanente consciência de cada gesto”. (CARVALHO, 2007, p. 53)

Archibald Perkins abandona a Antropologia em meio a um período de transição da própria disciplina em que Radcliffe-Brown personifica esse processo de mudança:

“Estava a passar-se, com ele [Radcliffe-Brown], da antropologia puramente histórica à da análise sincrônica, quer dizer, àquilo que em breve viria a se designar funcionalismo. Mas estava também a criar-se, caso não fosse ultrapassada a indiferença que iria instalar-se pelos desenvolvimentos históricos e pela mudança, um novo impasse à antropologia. E era isso que Archibald Perkins divisava já”.

(CARVALHO, 2007, p. 49)

A mudança demarcava a necessária distância entre a Antropologia Social e o estudo biológico do homem, e designou-se a etnografia como “o registro descritivo de sociedades sem escrita e ao de etnologia o tratamento da reconstrução da sua história, enquanto ao estudo comparativo das instituições passava a competir a designação de antropologia social”. (CARVALHO, 2007, p. 49)

A consolidação da Antropologia coincide com as investidas coloniais de uma África tornada como objeto de análise, assim exposta, decifrada para ser domesticada. É nesse ponto que a entrada do antropólogo Ruy Duarte se faz presente para acenar a uma crítica sobre os africanistas britânicos que lecionavam em cursos de “*applied anthropology*” destinados a administradores das chamadas “áreas tribais”. “E mesmo Radcliffe-Brown, que repugnava já pela atenção às sociedades instaladas no seu presente, estava ainda a ver só nessas mesmas sociedades um mero objecto exposto à observação dos sábios”. (CARVALHO, 2007, p. 51)

E é curioso que Perkins seja uma espécie de dissidente. Apartado da Antropologia, ele segue numa viagem exploratória à África, mas munido de outras intenções. É que lá, em terras africanas, há de esconder um tesouro, um verdadeiro achado, e a busca a que se dedica o inglês é uma investida solitária e amarga, resultado de um drama com o próprio pai e a separação da mulher. Assim como Quain, o traço do indivíduo, suas personalidades e características psíquicas oferecem um contorno íntimo e subjetivo de personagens que estão a revelar, talvez, alguma coisa de seus narradores? Afinal, o que querem os narradores de *Os papéis do inglês* e *Nove noites* ao investir num outro? Parece-nos que estão querendo a saber sobre si mesmos...

Ruy Duarte de Carvalho com exímio talento de escrita costura os muitos fragmentos da narrativa em citações e diferentes modalidades discursivas de maneira que o leitor se questiona constantemente sobre quais os rumos que a trama irá tomar, bem como se questiona sobre quem está falando e se está autorizado a dizer. Afora isso, desponta a África em meio a investidas coloniais e as diferentes representações que se fazem em torno dela. O autor manipula as muitas ideias sobre o continente africano, oferecendo alguma intimidade e solidariedade ao lugar para reconstituir as visões que se tem da África e, nesta medida, a narrativa assume uma marca estritamente pessoal e política. Com essa estratégia de narrativa, o romance rompe com representações naturalizadas sobre a África para visibilizar diferentes e conflitantes visões de mundo, devolvendo ao leitor alguma inquietação e certo constrangimento.

Assim como Archibald Perkins, que em meio a um desgaste acadêmico rompeu com os intentos de exploração do território angolano e dos povos que habitam nessa terra, o narrador-personagem de Ruy Duarte de Carvalho repete a mesma atitude estimulando o leitor a encontrar traços comuns entre ambos e a supor que a narrativa seja uma espécie de desvio, de manobra do narrador-personagem para falar de si mesmo: “Ou então não era eu que

vinha ali, era o sujeito da minha própria ficção?” (CARVALHO, 2007, p. 109). No processo de elaboração do romance, o autor aciona a etnografia para alcançar, também, uma dimensão subjetiva do texto ancorada na vivência com o outro. Mas, apesar de refletir a experiência do contato, a etnografia oferece recortes precários e parciais, inscrevendo-se num jogo de representações em que apreensão da “realidade da África” torna-se tarefa ilusória.

Ambos os romances nos fazem constatar o que há de construção no que tomamos aparentemente por realidade. Dito de outra forma, os romances *Os papéis do Inglês* e *Nove noites* sugerem que, ao nos situarmos com relação a nós mesmos no confronto com o outro, recorremos a elaborações imaginativas que se aproximam de ficções que utilizamos para representar o mundo. O real seria construído por representações que utilizamos para significar, classificar e ordenar as coisas e para nos adequarmos aos papéis sociais que assumimos no dia a dia. Mas, sobretudo, representações são construções, por isso, devemos ter o cuidado de não naturalizá-las e, sim, colocá-las em contexto. Representar, nesse sentido, é um ato político. Em *Os papéis do Inglês*, seu autor pretende desconstruir representações sobre a África e seus habitantes para dar lugar a outras representações, agora, elaboradas pelos africanos, que podem falar de si. Não se trata, portanto, de apresentar uma representação mais verdadeira (a verdade sobre os índios ou africanos), mas de conjugar e visibilizar representações. Comunicá-las em sua acepção mais democrática.

Com a leitura desses romances, estaria sugerida que, na tarefa de compreendermos o outro e a nós mesmos, recorremos a elaborações ficcionais, pois dessa maneira podemos nos situar e decodificar os sentidos do mundo. Mas o que se faz preciso é desconstruir certas representações para que não se sobreponham a outras. Tarefa sempre penosa, mas necessária. A relação colonial afirma uma imposição de representação do outro, que vigorou por muito tempo como legítima, mas estava longe de ser transparente e total. Colonizar constitui mesmo o ato de dizer sobre o outro, de não ouvi-lo, de falar por ele.

Todavia, nos deparamos com a instabilidade e precariedade em produzir considerações sobre o outro, empreitada por vezes violenta, como vimos nas narrativas de Ruy Duarte e Bernardo Carvalho. Falar do que se desconhece requer postura um tanto autoritária, investigativa, curiosa, a instigar o que é da privacidade e do direito do outro. O escritor e o antropólogo lidam com a tarefa dupla de fazer conhecer e fazer-se conhecer num jogo complexo

de projeções em que algumas armadilhas são lançadas para confundir um e outro. Os romances abrem espaços para novas construções, para que seus narradores possam revisitar o passado para recontar uma história. Estão a desfazer mal ditos e malfeitos. Lançam mão da Antropologia para assegurar à narrativa alguma facticidade, para ancorar a escrita no campo da experiência, atestando, assim, uma fala que parte sempre de um lugar.

Sendo os narradores personagens antropólogos, os romances encenam o processo de elaboração de uma etnografia, confirmando a dimensão subjetiva de seu trabalho, sua contingência e todas as mediações que o separam (ou ligam) a seu objeto de estudos. O que os romances parecem propor é que tanto a etnografia como a ficção oferecem recortes imprecisos num jogo de representações (que são variadas e, por vezes, conflitantes). Esse jogo não é, porém, isento de responsabilidades política e moral. Ao problematizar as relações da Antropologia com os colonialismos, ao parodiar e ironizar a Literatura colonial, especialmente, o romance de Ruy Duarte desfaz representações correntes das sociedades tradicionais africanas. Evidenciando a parcialidade e a contingência dessas representações, o romance evita oferecer uma representação da África, continente sobrevivendo na modernidade (numa espécie de redenção final e promissora); convida, ao contrário, o leitor a suspeitar de tais representações atestadas por discursos científicos – das etnografias, dos registros da “oratura” e, ainda, das teorias literárias produzidas a partir dos relatos de viagem.

A atividade do antropólogo em performance em *Os papéis do inglês* desconstrói a concepção naturalista de se recorrer a materiais etnográficos para a “comprovação” da tese de que a “África tradicional” se inscreve na Literatura escrita. O romance rejeita, assim, a expectativa de que a “ficção africana” seja um documento da “realidade africana” (ou, mais modestamente, de que a “ficção angolana” seja reflexo da “realidade angolana”). Ao se contrapor às representações produzidas a partir das relações coloniais, o romance de Ruy Duarte de Carvalho não parece oferecer uma “representação mais verdadeira” da África, de Angola, ou dos kuales, mas sim a contradição inerente à noção de representação, que se caracteriza tanto pela construção quanto pela referencialidade.

Investindo na perspectiva antropológica, estariam os narradores dos romances autorizados a falar sobre o outro a partir de um posto de vista menos ilusório? Não se trata de renegar a realidade, mas de expô-la, de duvidá-la, tornando-a possível a partir de outras vozes, outras *personas*,

outros gêneros, na criação de novos patamares de diálogo entre os textos produzidos, condições da sua produção e os sujeitos que escrevem.

Apelar ao discurso antropológico pode corresponder a certa expectativa de referência do real que, dessa forma, estabilizaria todos os sentidos advindos do texto, como se correspondessem a uma realidade factível que se faz plenamente revelada pelo autor. Por essa via, o recurso a materiais etnográficos submeteria a própria Literatura à ciência ou, mais precisamente, à “realidade”, que se supõe revelada pelo discurso da ciência, realidade esta supostamente “verificável” pelos fatos e pela experiência. Todavia, a etnografia nos revela, também, as inconsistências do discurso e os limites de tradução do real.

Nesta medida, atestamos como a ficção e o discurso etnográfico se aproximam: é comum que, mesmo diante de um romance ou um conto, a expectativa do leitor diante das literaturas de outras sociedades e outros costumes, como a africana e a indígena, por exemplo, seja de que estas deem a conhecer sociedades distintas da sua, deslizando o literário para o domínio da etnografia. Esse fluir da ficção para a etnografia pode ocorrer já no âmbito da produção do texto: o projeto literário consistindo na elaboração de um retrato dos costumes e das cosmovisões das outras sociedades. E, mais do que isso, a etnografia empresta ao texto literário um descolamento de si (do autor) para dar conta de outras perspectivas de si e de outro.

Aprendemos com a leitura desses romances que a tarefa muito particular do escritor do romance de pôr o outro à espreita não é muito distinta da do etnógrafo, que está sempre a observar entre os bastidores algum dado íntimo do outro. Mas se, com o romance, o escritor está desautorizado a cumprir com uma verdade do texto, não menos crível pode ser sua escrita. Nos dois romances, a vida real se torna matéria da ficção e põe tudo num novo começo. Retoma o princípio, reestabelece as causas, remontando o passado para tornar coerente este presente.

Referências

FOSTER, Hal.

(2014). *O retorno do real*. São Paulo, Cosac Naify.

CARVALHO, Bernardo.

([2002], 2006). *Nove noites*. São Paulo, Companhia das Letras.

(2001). A ficção hesitante (Resenho de Os papéis do inglês, de Ruy Duarte de Carvalho). *Folha de São Paulo*, 6 de janeiro.

CARVALHO, Ruy Duarte de.

([2000], 2007). *Os papéis do inglês ou o Ganguela do Coice*. São Paulo, Companhia das letras

PERDIGÃO, Elaine Rodrigues.

(2016). *Estórias que contamos sobre os outros: etnografia e ficção em perspectiva*. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio).

Recebido em

maio de 2017

Aprovado em

junho de 2017